

APROXIMARMO-NOS DOS HOMENS NOSSOS IRMÃOS

O Segundo Movimento: da Hostilidade à Hospitalidade

CAPÍTULO IV CRIANDO ESPAÇO PARA OS DESCONHECIDOS

1. Vivemos num mundo povoado por desconhecidos

A primeira característica da vida espiritual é o movimento constante da solidão para o recolhimento. A segunda, é igualmente importante, o movimento da hostilidade para a hospitalidade. Mudando a relação conosco mesmos nasce a possibilidade duma relação renovada com os outros. Neste mundo, povoado por estrangeiros, estranhados do seu próprio passado, da sua própria cultura, do seu país, dos amigos, da família, do seu eu íntimo e de Deus, nós assistimos à procura dolorosa de um lugar hospitaleiro onde a vida possa ser vivida sem medos, onde se possa encontrar uma comunidade. Embora, muitos, poderíamos dizer, a grande maioria dos estrangeiros deste mundo se tornam vítimas de uma hostilidade gerada pelo medo, é possível para todos – e obrigatório para os cristãos – oferecer um espaço aberto, onde estes estrangeiros possam despir-se da sua estranheza e tornar-se nossos irmãos.

O movimento da hostilidade à hospitalidade está cheio de dificuldades. A nossa sociedade está cada vez mais povoada por pessoas medrosas, que levantam as defesas, que agridem, que se agarram ansiosamente às poucas coisas que possuem, que suspeitam de todos aqueles que os rodeiam, que estão à espera que apareça um inimigo que lhe faça mal.

Mesmo assim, a nossa vocação é precisamente a seguinte: converter o inimigo em hospede, criando um espaço livre, sem medos, onde possa nascer e ser experimentada a fraternidade. (VS, p. 59).

2. A hospitalidade: uma palavra bíblica

Hoje a palavra "hospitalidade" pode evocar a imagem de cortesia, de convivência, de encontros formais entre amigos, de conversas superficiais e interesseiras. Isto é devido ao fato de que a nossa cultura tem um conceito de hospitalidade muito superficial. A hospitalidade é uma palavra bíblica rica de significado, que nos ajuda a compreender e a dilatar a percepção do relacionamento para com os nossos irmãos.

Os relatos do Antigo Testamento não só afirmam a obrigação grave de acolher o estrangeiro em nossa casa, mas diz também que os convidados trazem dons preciosos que querem oferecer àqueles que os acolhem. Os três hóspedes misteriosos que Abraão acolheu em Mambre, aos quais ofereceu água, pão e vitelo tenro e gordo, se revelaram como sendo o Senhor e lhe anunciaram a futura maternidade de Sara (Gn 18, 1-15). Elias foi acolhido pela viúva da Sarepta e ele ressuscitou-lhe o filho (1Reis 17, 9-24). Os dois discípulos de Emaús, acolhendo o peregrino, descobriram que Ele era o Senhor (Lc 24, 13-35)

A partir do momento em que a hostilidade se transforma em hospitalidade, os estrangeiros se tornam convidados e revelam ao anfitrião as promessas que trazem consigo. Neste momento, a distinção entre o anfitrião e o hospede deixa de existir, é apenas um artifício que desvanece diante da unidade descoberta. (VS, p. 60-61).

Desta forma, as histórias bíblicas ajudam-nos a tomar consciência de que a hospitalidade é uma virtude muito importante. Ainda mais, o anfitrião e o hóspede, podem agora revelar-se um ao outro, dar e receber os seus dons preciosos, dando-se uma vida nova.

Atualmente, a psicologia deu um grande contributo para a compreensão dos relacionamentos interpessoais. Não só psiquiatras e psicólogos, mas também assistentes sociais, terapeutas do trabalho, ministros de culto, sacerdotes e muitos daqueles que se dedicam nas profissões assistenciais, estão a usar os novos conhecimentos, com gratidão. Mas alguns, talvez perderam a enorme riqueza de um conceito tão antigo, como é aquele da hospitalidade. Este conceito poderia dar uma nova dimensão à nossa compreensão de um relacionamento benéfico e para a formação de uma comunidade que se renova na sua criatividade, num mundo que sofre de alienação e afastamento.

Portanto, a palavra hospitalidade não deveria limitar-se ao sentido literal de receber um desconhecido em casa – embora seja importante -

mas deveria tornar-se uma maneira de viver, uma atitude fundamental para com os nossos irmãos.

3. *Sentimentos ambivalentes para com os estrangeiros*

Embora o aproximar-se dos outros, convidando-os a entrarem em nossa casa, constitua o núcleo da espiritualidade cristã, é importante entender claramente que os nossos sentimentos espontâneos para com os estrangeiros são ambivalentes. Sem fazer uma grande análise, não é difícil reconhecermos as múltiplas formas de hostilidades, misturadas de medos e ansiedades, que nos impedem de convidar os extrâneos a entrar no nosso mundo.

Para apreciar plenamente o significado da hospitalidade poderia ser necessário, antes de mais nada, tornarmo-nos nós próprios extrâneos. Um estudante escreveu:

«Um dia parti de Niza com pouco dinheiro, pedindo boleia. Durante cinco dias deixei-me transportar pelo vento. Acabei o dinheiro, foi obrigado e depender da bondade dos outros. Apreendi o que significa ser humilde, grato, por uma refeição, por uma boleia, inteiramente entregue ao ocaso». Tendo feito a experiência do estrangeiro compreendemos o valor da hospitalidade. A hospitalidade recusada é uma das experiências mais amargas na vida de uma pessoa.

Podemos dizer que, os estrangeiros são cada vez mais objetos de hostilidade que de hospitalidade. Os apartamentos são protegidos por cães e fechaduras duplas. Os prédios são vigiados por guardas. Nas estradas encontramos avisos e contra a boleia. As redes ferroviárias subterrâneas e os aeroportos são continuamente vigiados. As cidades são defendidas por agentes policiais, algumas vezes armados e cada país tem o seu exército. É fácil mostrar simpatia para com os pobres, os velhinhos, os marginalizados, os desalojados e os pedintes, mas os sentimentos para com os estrangeiros que batem à nossa porta pedindo alojamento são pelos menos ambivalentes. Geralmente não esperamos deles nada de bom. Assim dizemos uns para os outros: “É melhor fechar as portas, esconder o dinheiro, ligar com uma cadeia a bicicleta”. As pessoas desconhecidas que têm maneiras diferentes de viver, de vestir e de pensar, torna-nos medrosos e, até, hostis. Muitas vezes, regressando à casa depois das férias, estamos com o receio de que

algum ladrão se tenha infiltrado em casa, descobrindo o esconderijo dos valores. Desta forma, vigia a convicção de que os estrangeiros são um potencial perigo, até prova contrária. Durante a viagem estamos de olhos atentos para as nossas malas, durante os passeios procuramos ter sempre presente onde guardamos o dinheiro, e quando, de noite caminhamos num parque obscuro, estamos tensos com o receio de um ataque. De coração podemos até desejar ajudar os outros: dar comida aos famintos, visitar os presos, acolher os peregrinos, mas, ao mesmo tempo, instintivamente, sem quase o percebermos, evitamos cuidadosamente as pessoas e os lugares que nos possam recordar as nossas boas intenções.

Tudo este drama, na realidade, não serve para nada. O temor e a hostilidade não se limitam aos encontros salteadores, drogados e pessoas perigosas. Neste mundo dominado pela competição, mesmo as pessoas que vivem uma perto da outra, como companheiros de aula, de equipa, atores da mesma companhia, colegas de trabalho, são contaminados pelo medo e pela hostilidade, quando os outros se tornam uma potencial ameaça à própria segurança intelectual ou profissional. Muitos lugares criados para aproximar as pessoas e ajudá-las a formar comunidades pacíficas degeneraram, tornando-se campos de batalha mental.

Estudantes em salas de aula, professores em reuniões, funcionários de hospitais e membros de projetos conjuntos muitas vezes se sentem paralisados pela hostilidade mútua, incapazes de alcançar seus objetivos por medo, suspeita e até agressão aberta. Às vezes, as instituições criadas especificamente para criar um espaço e lazer - onde o potencial humano mais valioso pode ser desenvolvido - acabam sendo tão dominadas pelo espírito de defesa que as melhores ideias e as opiniões mais válidas não são expressas. As notas, exames, métodos seletivos, possibilidade de promoção e o desejo por recompensas de manifestação bloqueiam muitas vezes a manifestação do que o homem poderia produzir melhor. (VS, p. 61-63).

4. Reconhecer as hostilidades escondidas nos bastidores

Recentemente um ator contou-me alguns particulares do ambiente onde ele trabalha que descrevem bem o que acontece em grande parte na sociedade. Os atores executam as cenas mais íntimas, com imensa ternura e comoção, mas na realidade eram tão ciumentos um do outro, receavam muito que lhe faltasse a capacidade de

conseguir, porque nos bastidores as mesmas cenas eram trespassadas de ódio e de suspeita. Aqueles que no palco se beijavam eram tentados de morder-se, quando o deixassem. E aquelas luzes que interpretavam as mais profundas emoções, na realidade exibiam a rivalidade mais hostil apenas abrandavam.

Grande parte do nosso mundo assemelha-se a um palco: cenas íntimas de amor são declamadas pelos atores, carinhosos durante a exibição, mas prontos a ferir-se um ao outro apenas a cena acabe. Muitos profissionais, que começaram com todas as boas intenções, bem cedo se tornaram vítimas de uma intensa e recíproca rivalidade e hostilidade.

Não há médicos, padres, advogados, assistentes sociais, psicólogos e conselheiros espirituais que iniciaram sua atividade com um profundo desejo de servir, mas que logo se tornaram vítimas de intensa rivalidade e hostilidade tanto nos ambientes pessoal quanto nos sociais? Vários ministros de adoração e sacerdotes proclamando paz e amor do púlpito são então incapazes de encontrá-los quando se sentam à mesa na hora do jantar. Assistentes sociais que tentam resolver disputas familiares, enfrentam os mesmos conflitos em sua própria casa. E quantos de nós não estão agitados pela apreensão interna ao descobrir que somos afetados pelas mesmas dores que aqueles que lhes pedem ajuda? No entanto, é precisamente esse paradoxo que poderia nos dar o poder de curar. Depois de ter visto e reconhecido, sem possibilidade de dúvida, as nossas hostilidades e medos para com os outros, poderemos estar cientes do fato de que o polo em questão não é apenas o mesmo, mas também o primeiro. Talvez a representação no palco pareça sempre muito melhor do que aquela atrás da cortina, mas enquanto tivermos a vontade de enfrentar e o contraste e lutara para mantê-lo menos áspero, a tenção nos manterá humildes, permitindo-nos de oferecermos um serviço aos outros, sem sermos completos" nós mesmos. (VS, p. 64).

5. Criar dentro de nós um espaço livre e amigo para os outros

Quando tivermos a sensibilidade suficiente para reconhecermos os contornos dolorosos da nossa hostilidade, podemos identificar o polo oposto, a hospitalidade, para onde devemos deslocar a nossa atenção. A hospitalidade consiste na criação dum espaço livre e amigo para o estrangeiro, onde ele possa entrar e tornar-se nosso amigo. Um espaço aberto onde a mudança possa acontecer. Um espaço livre de todos os temores, no qual ele possa entrar e se descobrir como criatura livre, livre

de cantar os seus cânticos e de falar a sua língua, livre de entrar e de sair, livre de nos deixar para seguir a sua vocação. A hospitalidade não significa transportar os outros para o nosso lado, mas oferecer-lhes um espaço livre de aborrecidas de demarcações. Não é prender os outros num lado onde não existem alternativas, mas abrir-lhe uma ampla variedade de opções e de compromissos. Não é uma forma subtil de intimidação através de bons livros, boas histórias e boas obras, mas sim, a libertação de corações medrosos, para que possam falar, estender as raízes e darem frutos abundantes. Não é um método para que assumam a fé no nosso Deus, a nossa maneira de pensar, os nossos critérios de felicidade e que percorram o nosso caminho, mas a oferta de uma possibilidade para que encontrem o seu Deus e o seu próprio caminho.

O paradoxo da hospitalidade consiste em criar um espaço livre, acolhedor, não um vazio medroso, mas um vazio amigo, para que os extrâneos possam entrar e descobrir-se como criaturas livres; livres de cantar os seus cânticos, de falar a sua língua, de dançar as suas danças, livres também de nos deixar para seguir a sua própria vocação. A hospitalidade não um convite que, de qualquer forma, os obriga a adotar o nosso estilo de vida, mas o dom de uma oportunidade para possa encontrar o seu próprio estilo de vida.

Deveríamos dizer com Thoreau: «Não quero que ninguém assuma o meu estilo de vida porque – tendo em conta que mesmo que o tenha mal chego a conhece-lo que já o mudei por outro – eu quero que no mundo haja o maior número possível de pessoas diferentes; quero, porém, que cada uma delas encontre e siga a sua própria vocação e não aquela do sacerdote, da religiosa ou do vizinho de casa»

Criar um espaço livre para os outros é uma tarefa difícil. Requer uma atenta concentração e uma atividade bem coordenada. É como o trabalho de um polícia que tenta se abrir o caminho no meio de uma grande multidão de pessoas em pânico, para que possa lá chegar a ambulância. De fato, a rivalidade, a competição, a sede do poder e o desejo de resultados concretos e imediatos, a impaciência e frustração e, sobretudo, o medo puro e simples, se impõem com força e tendem a preencher o mais pequeno espaço livre da nossa existência. O espaço vazio tende a criar medo. Até quando a mente e as nossas mãos estiverem ocupadas, será sempre possível evitar as perguntas penosas a que nunca demos a devida atenção e que não queremos que apareçam

agora. Estar ocupados tornou-se símbolo de nobreza e grande parte das pessoas procuram manter-se em movimento, com o corpo e mente sempre ocupados. Vendo a realidade de uma certa distância, parece que procuramos encher-nos de palavras e de atividades e não toleramos um momento de silêncio. Aquele que acolhe retém muitas vezes que deve falar continuamente com os convidados, que deve entretê-los com atividades, lugares e pessoas a visitar. Mas, preenchendo todos os recantos vazios e ocupando todos os momentos, a sua hospitalidade torna-se mais oprimente que libertadora. (VS, p. 65-66).

6. Espaço ocupado e preocupado.

A ocupação e não o espaço livre é o que procura a maior parte de nós. Quando não estamos ocupados tornamo-nos inquietos e medrosos. Inquieta-nos o fato de não sabermos o que iremos a fazer na próxima hora, no próximo dia, no próximo ano. Assim, a ocupação torna-se uma bênção e o vazio uma maldição. Os telefonemas começam sempre da mesma forma: «já sei que estás muito ocupado, mas ...», e ficamos embaraçados se quem responde diz, «mas não, tenho tempo, estou livre hoje, amanhã, a semana toda!» O futuro perderia de interesse quando uma pessoa está desocupada e tem pouco a fazer.

Estar sempre ocupados e em movimento tornou-se quase um hábito, que faz parte da nossa constituição. Quando alguém nos acolhe e nos diz de acomodar-nos numa cadeira, se ter um jornal a ler, a rádio a escutar, a televisão a ver, sem ter alguma visita e sem receberem alguma chamada ao telefone, acabamos por ficar tensos e inquietos e prontos a aceitar qualquer coisa que nos possa distrair.

Isto explica porque o silêncio é uma tarefa tão difícil. Muitos daquele que dizer desejar o silêncio, o descanso, a quietude, achariam quase impossível suportar a tranquilidade de um mosteiro. Mal acaba o movimento em torna da sua casa, ninguém lhe põe alguma pergunta, ninguém lhe pede um conselho ou lhe estende uma mão amiga. Mal acaba a música, o jornal, acabam por experimentar uma tão grande inquietude que se agarram a mais pequena ocasião para voltar ao trabalho. As primeiras semanas e os primeiros meses num mosteiro de vida contemplativa, não são os mais tranquilos como se poderia pensar, na realidade não ficamos surpreendidos que as férias são passadas em

praias cheias de gente, em acampamentos e centros de diversão e não no silêncio dos mosteiros.

Tudo isto demonstra como a preocupação, de fato, seja um obstáculo que nos mantém apegados às nossas ocupações. Receamos de tal forma os espaços abertos e vazios que bem depressa os ocupamos com a mente ainda antes de lá chegarmos. A ansiedade e as preocupações são a expressão da nossa incapacidade de deixar suspensas as questões que não conseguimos resolver. Estas levam-nos a agarrar qualquer possível solução, qualquer resposta que nos pareça apropriada naquela ocasião. E revelam a nossa intolerância perante a incompreensão das pessoas e dos fatos, fazendo-nos procurar etiquetas e classificações para preencher o vazio com enganos que nós mesmos criamos.

Tornamo-nos pessoas muito preocupadas, medrosas pelo vazio sem nome e da solidão silenciosa. As ocupações obstaculizam e fecham as experiências novas e bloqueiam-nos no caminho já conhecido. Representam a atitude medrosa que nos impõe de manter as coisas iguais e parece mesmo que preferimos uma má certeza do que uma boa incerteza. As preocupações nos ajudam a manter inalterada a nossa vida e o mundo que criamos durante os anos, bloqueando o caminho às mudanças revolucionárias. Os temores, as incertezas e as hostilidades enchem o nosso vazio interior com ideias, opiniões, juízos de valor a que podemos aderir como se fossem propriedades preciosas. Em vez de enfrentarmos o desafio de novos mundos que se abrem, lutando em campo aberto, escondemos-nos atrás dos muros dos nossos interesses pessoais, agarrados aos objetos familiares da nossa existência que colecionamos no nosso passado.

A força conservadora das nossas preocupações está bem expressa no relato convincente de Dom Juan em conversa com Carlos Castaneda:

Uma vez Carlos perguntou a Dom Juan como podia uniformar a sua vida aos ensinamentos indianos. «Tu pensas e falas deis, acaba de falar contigo mesmo», respondeu Don Juan. Depois explicou que com o discurso interior nos mantemos o nosso mundo e que falamos a nós mesmos para que tudo se torne como nós a queremos, repetindo continuamente as nossas escolhas e ficando sempre no mesmo caminho. Se acabássemos de dizer a nós próprio que o mundo é feito assim, o mundo acabaria de o ser. Dom Juan não pensava que Carlos estivesse pronto para receber

um tal abalão, contudo aconselhou o seu aluno a escutar o mundo permitindo, assim, que as mudanças se tornassem possíveis.

Este conselho pode parecer bizarro aos ouvidos de um homem organizado, mas deixaria de parecer tal a quem acolheu as palavras de Jesus Cristo. Não disse Ele que as nossas ansiedades pessoais obstaculizam a chegada do reino, isto é, do mundo novo? Don Juan pergunta: «como é que podemos esperar algo de novo se temos a mente e o coração cheios de interesses pessoais que nos impedem de ouvir as vozes que anunciam uma nova realidade?»

E Jesus diz: «não vos preocupeis dizendo: o que comeremos? O que beberemos? O que vestiremos? Destas coisas se preocupam os pagãos. O vosso Pai Celeste, de fato, sabe que precisais. Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e todo o resto vos será dado por acréscimo. Não vos preocupeis, portanto, para o dia da amanhã, porque o amanhã terá as suas preocupações. A cada dia basta a sua pena» (Mt 6, 31-34).

A este ponto, compreendemos, que não é nada fácil, nesta sociedade ocupada e preocupada, criar espaço para os estranhos. Mesmo assim, nós esperamos a salvação, na redenção, na cura e numa nova vida, a primeira coisa necessária que aparece é que criar dentro de nós um espaço aberto, hospitaleiro, onde algo de novo possa acontecer. Portanto, a hospitalidade, é uma atitude muito importante. Não podemos mudar o mundo com projetos e ideias novas. Não podemos mudar as pessoas com convicções, histórias, conselhos, propostas pessoais, mas podemos oferecer um espaço aberto, onde os outros possam ouvir o convite a deitar as armas, a deixar de lado as preocupações para escutar atentamente as vozes que falam no profundo centro do seu ser. Quem está cheio de si mesmo não tem espaço para os outros.

Um mestre japonês recebeu um professor universitário que queria receber os seus ensinamentos. O mestre serviu-lhe a chá, encheu a chávena até a borda e continuo a versar. O professor observava o trasbordar, até que não conseguiu trate-se e exclamou: «a chávena está cheia! Já não cabe mais». O mestre, então disse-lhe: «tu estás cheio de opiniões de raciocínios. Como é que posso ensinar-te se primeiro não esvaziar a tua chávena?»

A conversão da hostilidade à hospitalidade exige a criação de um espaço vazio e amigo que permite a abertura para os outros, nossos

irmãos, convidando-os a um novo relacionamento. Tal conversão é um acontecimento interior que não pode ser manipulado, mas deve acontecer livremente, a partir do interior. A conversão não pode ser forçada, não podemos obrigar a ninguém a eliminara as ervas daninhas e a remover as pedras que impedem o crescimento, da mesma forma, não podemos forçar a ninguém a realizar uma mudança tão pessoal e íntima; só podemos oferecer um espaço livre aberto, onde a mudança possa acontecer. (VS, p. 67-70).

CAPÍTULO V

FORMAS DE HOSPITALIDADE

1. *A variedade das relações humanas.*

O movimento da hostilidade para a hospitalidade determina a nossa relação com os outros. Provavelmente nunca chegaremos a ser libertos de todas as hostilidades e poderemos viver dias, semanas durante as quais os sentimentos hostis dominarão a nossa vida emotiva, até ao ponto que a atitude melhor será a de ficarmos longe dos outros, de não falar e não escrever aos outros senão a nós mesmos. Por vezes os acontecimentos da vida provocam sentimentos de amargura, de suspeita, de ciúme, e até de vingança, que precisam de tempo para serem curados. É necessário dar-se conta que, embora queiramos caminhar para a hospitalidade, a vida é demasiado complexa para podermos imaginar um caminho a sentido único. Mas quando adquirimos a consciência da hospitalidade que dos outros recebemos e sentirmos gratidão por aquelas poucas vezes que podemos nós próprios, conseguimos criar um espaço livre para os outros, então, poderíamos perceber melhor os movimentos interiores e assumir uma atitude de abertura para com os outros.

Se olharmos para a hospitalidade como uma atitude interior, a oferta de um espaço livre e amigo que permite aproximarmo-nos aos estrangeiros e convidá-los para a tornar-se nossos amigos, aparece claro que isso possa acontecer em formas mais diferentes e em numerosos relacionamentos. Embora, a palavra estrangeiro, estanho, sugira a ideia de alguém que pertença a um outro mundo, diferente do nosso, que fala uma outra língua diferente da nossa, que tem costumes diferentes. Mas é importante, antes de mais nada, individuar o estrangeiro na nossa própria casa, na nossa própria família. Uma vez que adquirimos a capacidade de hospedarmos bem os mais próximos, podemos expandir a hospitalidade para horizontes mais longínquos.

Portanto, podemos observar atentamente três tipos de relacionamentos, que poderemos compreender melhor observando-os do ponto de vista da hospitalidade: o relacionamento entre pais e filhos, entre professores e alunos, e entre profissionais, - médico, operadores sociais, psicólogos, conselheiros espirituais, enfermeiros, ministros do culto, sacerdotes — e os seus assistidos, pacientes, clientes, alunos, paroquianos. Em certos

momentos da nossa história individual, todos estamos envolvidos nestes três tipos de relacionamentos. A vida é complicada pelo fato que todos estejamos envolvidos nelas, quer de uma que da outra parte, ao mesmo tempo. Embora haja pais e filhos, professores e alunos, conselheiros e clientes, noutros contextos continuamos a ser filhos, estudantes e pacientes. Quem procura um bom pai ou uma boa mãe, muitas vezes, tem responsabilidades filiais; que durante o dia ensina, à noite pode encontrar-se sentado do outro lado, como aluno; o conselheiro compreende quanto ele próprio precisa de ser aconselhado.

Somos todos filhos, pais, alunos, professores, curadores e pacientes. Desta forma, entramos e saímos dum mundo e entramos no outro em diversos modos e momentos. E por quanta complexidade possa ter este «entrar» e «sair» determina sempre a nossa vida. O conceito de hospitalidade poderia constituir uma dimensão unificadora aos problemas dos relacionamentos interpessoais. Além disso, poderia ajudar a ver como todos os relacionamentos. Todos estão agrupados sob o mesmo mandamento: «Amaras o próximo como a ti mesmo» (Mc 12,31).

Pais e filhos

Pode parecer estranho falar do relacionamento entre pais e filhos em termos de hospitalidade. Mas ao centro da mensagem cristã está a ideia de que os filhos não são uma propriedade a possuir e a conduzir, mas dons a custodiar e cuidar com ternura. Os filhos são os hóspedes mais importantes, aqueles que entram em nossa casa, requerem atenções e carinho, ficam por pouco tempo em nossas casas e depois se afastam para seguir cada um a sua própria estrada. Os filhos são estrangeiros que devemos apreender a conhecer.

Os filhos têm a sua maneira de ser, os seus ritmos, as suas capacidades, na bem e no mal. Não se podem explicar observando os pais. Não nos deve surpreender, portanto, quando os pais dizem que os seus filhos são diferentes um do outro: «São todos diferentes, não se parecem entre eles e continuam a surpreender-nos e a maravilhar-nos». Os pais e as mães, mais do que outros familiares e amigos, são os mais conscientes da diferença que existe entre os seus próprios filhos. Os filhos trazem uma promessa, um tesouro escondido que deve ser revelado por meio da educação (e = fora, ducere = conduzir) numa morada hospital.

É preciso muito tempo e paciência antes que este pequeno estrangeiro esteja à vontade, ed é realístico dizer que também os pais devem apreender a amar os seus próprios filhos.

Acontece, às vezes, que um pai ou uma mãe sejam tão livres e honestos para reconhecerem de ter olhado para o seu filho como um estrangeiro, sem lhe dar um afeto especial, não porque fosse indesejado, mas porque o amor não é uma reação automática. O amor brota de uma relação que é necessário desenvolver e aprofundar-se. Poderíamos dizer também que o amora entre pais e filhos desenvolve e chega à sua maturação quando eles se aproximam os dos outros descobrindo-se uns aos outros como irmãos que têm muito a partilhar e que as diferenças de idade e de qualidades e de comportamento são menos importantes da sua comum humanidade.

O que os pais podem oferecer aos filhos é uma casa, um lugar que seja recetivo, mas também que tenha confins seguros, dentro dos quais, os filhos possam crescer e descobrir o que ajuda a crescer e o que prejudica. Nesse lugar, os filhos poderão colocar as suas questões sem algum temor e experimentar a vida sem correr o risco de ser rejeitados. Em casa, os filhos poderão ser estimulados a escutar o seu próprio «eu», alimentando aquela liberdade que lhes dará a coragem de abandonar o lar para prosseguir o seu caminho. A morado hospital é, de verdade, aquela, onde pai, mãe e filhos podem revelar as próprias qualidades pessoais, estar presentes uns aos outros como membros da mesma família humana e apoiar-se uns aos outros na luta comum para viver e deixar viver.

A consciência de que os filhos são hóspedes e não propriedade pode ser uma descoberta libertadora, porque muitos pais vivem sentimentos de culpa para com os filhos, pensando de serem responsáveis de tudo o que os filhos fazem. Quando os filhos seguem caminhos que eles desaprovam, estes pais se perguntam: «onde é que falhamos?» «o que deveriam ter feito?». Os filhos, em vez, não uma propriedade a manobrar, mas sim, hospedes aos quais se deve responder.

Muitos pais se questionam sobre o batismo dos recém-nascidos. Contudo, um aspeto muito importante do batismo das crianças é que os pais conduze o filho à igreja, onde lhe vem recordado que aquela criatura não é propriedade privada, mas sim um dom que Deus faz a uma comunidade muito mais vasta do que a sua própria família. Na nossa cultura onde parece que toda a responsabilidade pelos filhos cai sobre os pais biológicos. O grande aumento de prédios, onde a gente vive em pequenas comunidades isoladas, muitas vezes receosas dos

vizinhos, não oferece, em verdade, as crianças muito mais do que os próprios pais, dos quais dependem.

Durante uma visita no México, sentado numa banquinha na praça principal de uma aldeia, pude ver quanto a família fosse muito mais vasta para as crianças mexicanas. Eles eram abraçados, beijados, e levados a passear pelos tios, amigos e vizinhos de casa e, parecia que toda a comunidade passando alegadamente os serões naquela praça, se tornassem pais daqueles pequenos. Os seus movimentos destemidos me fizeram compreender que, para eles, cada pessoa constituía a família.

A família mantém a sua dimensão particular e insubstituível, mas é toda comunidade que participava da responsabilidade educativa. A Igreja, neste sentido, é um dos poucos espaços educativos que ainda existem, onde pessoas diferentes se encontram e formam uma família maior. Levar as crianças fora de casa, na igreja para o batismo é, como mínimo, um instrumento importante para nos lembrarmos da comunidade maior, em que nasceram e que lhes poderá oferecer um espaço livre para crescerem sem temores.

A tarefa mais difícil dos pais é ajudar os filhos a desenvolver a liberdade pessoal, que lhes permitirá de caminhar sozinhos, fisicamente, mentalmente e espiritualmente para depois terem a capacidade de seguirem cada um o seu caminho. A tentação latente que temos consiste sempre em agarrarmo-nos aos filhos, usando-os como instrumentos para compensar os nossos desejos insatisfeitos e em persistir a lembrar-lhes, de formas diferentes, direta ou indiretamente, que têm uma grande dívida para conosco.

Na verdade, não é fácil ver os filhos afastar-se, ir-se embora, depois de os ter amados por muitos anos e ter lutado para ele alcançarem a sua maturidade; mas se continuam a lembrar a nós próprios que eles são só hóspedes com uma vocação própria, que não conhecemos, nem podem impor, teremos mais capacidade para os deixar partir, em paz e com a sua bênção, quando chegar a altura.

O bom anfitrião é aquele que não só sabe acolher os hóspedes, oferecendo-lhes toda a atenção de que precisam, mas também que é capaz de os deixar partir quando chegar o momento da despedida. (VS p. 75)

3. A hospitalidade entre professores e alunos

Podemos ver a hospitalidade como modelo de relacionamento criativo entre pessoas, não só entre pais e filhos, mas também entre professores e alunos. Se existe um espaço onde é necessário um espírito novo, uma espiritualidade libertadora e redentora, é precisamente o campo da educação, onde muitos transcorrem grande parte da sua existência ou, ao menos, os períodos mais decisivos como estudantes ou como docentes.

Uma das tragédias mais graves da nossa cultura é que milhões de jovens passam horas, dias, semanas e anos a escutarem lições, lerem livros, escrever tarefas com um crescente espírito de resistência. Este fenómeno é tão vasto que os professores de todos os níveis, da escola primária até a universidade, recebem cumprimentos quando conseguem cativar a atenção dos alunos e dar-lhes motivos para se aplicar nos estudos. Praticamente, cada estudante percebe a educação como uma série infinita de deveres a cumprir. Se existe uma cultura que conseguir matar a curiosidade espontânea do indivíduo, adormecendo o desejo humano de apreender, é precisamente a nossa sociedade tecnocrata.

Os professores não são insensíveis à situação ridícula em que pessoas adultas, homens e mulheres, sentem que lhes devem um trabalho de ao menos vinte páginas. Por isso, não ficamos mais surpreendidos quando os jovens, que seguem sobre questões que dizem respeito à vida ou à morte e não se deixam atingir, pois estão preocupados sobre «quanto trabalho devem trazer». Em vez de viver alguns anos livres para poderem procurar o valor e o significado da existência humana, com a ajuda de quem já exprimiu em palavras e por escrito as próprias experiências, a grande parte dos estudantes estão preocupados em obter diplomas, prémios, sacrificando a sua própria maturidade pessoal.

Neste clima não surpreende que entre os alunos prevaleça uma resistência crescente para com a aprendizagem e que o desenvolvimento emotivo e mental seja inibido por um ambiente educativo onde os alunos percebem os professores mais como padrões exigentes do que guias que os ajudam na procura do conhecimento e da sabedoria.

Um dos problemas mais graves do ensino atual continua a ser o de oferecer soluções sem que existem as perguntas. Parece que a fonte menos usada para formar e informar seja a experiência pessoal dos estudantes. Por vezes, os professores tratam os assuntos mais profundos da experiência humana, como o amor, o ódio, o temor, a alegria, a

esperança, o desespero sem tocar a vida dos alunos, os quais não assumem uma atitude receptiva. Continuam, obedientes, a tomar notas, olhando distraídos pela janela fora. Tudo isto acontece porque nunca tiveram ocasião de fazer a experiência do amor e do ódio, do temor e da alegria, da esperança e do desespero, de forma que as perguntas surgissem da sua própria experiência pessoal. Neste clima hostil, ninguém quer mostrar-se vulnerável e deixar perceber a si mesmo, aos outros, aos companheiros e aos professores, que algumas das questões fundamentais da existência humana não foram nem sequer tocadas.

O ensino deveria prever, antes de tudo, a criação de um espaço aberto, onde professores e alunos possam entrar em comunicação sem temores, permitindo que as respetivas experiências de vida se tornem a fonte mais preciosa de crescimento e maturação pessoal. Deveria prever uma mútua confiança em, quer o que ensina e quer o que aprende se tornem presentes uns aos outros, não como rivais, mas sim como pessoas que participam na mesma luta na procura comum da verdade.

Lembro-me de um estudante que apresentou com grande entusiasmo o resumo de um livro sobre meditação, enquanto a sua experiência pessoal de inquietude, de isolamento continuavam a ser para ele um texto de conhecimento que nunca el tinha lido. Isto demonstra como as palavras possam obstaculizar o conhecimento de si mesmos

As escolas perdem a sua capacidade educativa quando professores e alunos são reciprocamente contaminados pelo medo da rejeição, pelas dúvidas e pela insegurança sobre as próprias capacidades pessoais, pelos recíprocos rancores, muitas vezes reprimidos. Ninguém expõe as suas próprias capacidades diante a quem teme.

O medo de ser recusados, as dúvidas sobre as próprias capacidades pessoais, os ressentimentos, muitas vezes escondidos, bloqueiam o caminho educativo. Ninguém manifesta as suas próprias capacidades perante a quem teme.

Mas é possível ser hospitaleiro numa aula escolar? É muito difícil porque todos, professores e alunos, fazem parte da mesma sociedade exigente, ativista e, muitas vezes, exploradora, onde o que importa é produzir e ganhar, assim, os alunos são mais preocupados com as notas do que em receber o ensino com atitude receptiva. A maturidade pessoal, que deveria ser a primeira preocupação, passa no segundo lugar. Numa sociedade tão orientada para a produção, nem sequer a escola fica livre. Nesta luta para a sobrevivência, já falta o tempo e o espaço necessário

para colocar e responder às interrogações existenciais: o sentido da vida, do trabalho, sofrimento e da morte. Mesmo estas questões tão fundamentais não poder ser enfrentadas sem suscitar o risco da competição, da rivalidade, da preocupação sobre eventuais castigos ou elogios.

Contudo o ensinamento, do ponto de vista da espiritualidade cristã, nunca poderá deixar o empenho de criar este espaço livre dos medos, onde tais perguntas fundamentais possam emergir ao nível da consciência e encontrar respostas, não por meio de fórmulas prefabricadas, mas com claro encorajamento a examiná-las seriamente e de forma pessoal. Se observamos o ensino à luz da hospitalidade, podemos dizer que, quer o professor quer o aluno, são chamados a criar um espaço livre de qualquer medo, onde o desenvolvimento mental e emotivo possa acontecer. Querendo falar da espiritualidade do professor devemos dar uma particular atenção aos dois aspetos fundamentais da missão: a revelação e a confirmação.

A tarefa do professor é revelar e confirmar. Ele deve, antes de mais nada, revelar aos alunos que eles têm algo a oferecer. Por muitos anos, os jovens foram dominados pela falsa ideia de que devem sempre receber, aprender. São tão contaminados por essa ideia que estão convencidos que devem sempre ainda mais alguma coisa a apreender, tanto que chegaram a perder a confiança em si mesmos, tornando-se incapazes de imaginar que, como pessoas, são também capazes de dar, não só aos menos instruídos, mas também aos próprios professores. Estes têm a delicada função de revelar, isto é, tirar o véu que cobre a vida intelectual de muitos estudantes, ajudando-os a perceber que a suas próprias experiências de vidas, as suas próprias aspirações, convicções e intuições, merecem uma séria atenção.

O bom anfitrião é alguém que acredita que o convidado traz consigo uma promessa que é desejoso de revelar a todos aqueles que lhe prestam uma verdadeira atenção. É tão fácil impressionar os estudantes com livros que ainda não leram, com palavras que nunca tinham ouvido e com situações que não lhes são familiares. E é muito difícil tornar-se aquele que recebe e tem a capacidade de os ajudar a distinguir onde está a erva daninha nas suas próprias existências e fazer ressaltar as suas próprias capacidades. Não podemos acreditar que temos algo a dar se não encontrarem alguém capaz de receber. Na realidade, nós descobrimos os nossos dons nos olhos daquele os recebe. Os mestres

que são capazes de se libertar da necessidade de impressionar e de controlar e que sabem permitir a si próprios de tornar-se recetivos diante da novidade que os alunos trazem consigo, descobrirão que na recetividade, os dons dos alunos se tornam visíveis.

O que se revela como bom, digno e como uma nova contribuição deve ser aceite e confirmado. A aceitação, o encorajamento e o apoio são, às vezes, mais importantes do que a crítica. O bom anfitrião é aquele que não só ajuda os convidados a descobrirem as suas qualidades escondidas, mas é também aquele os ajuda a desenvolver e aprofundar tais capacidades, permitindo-lhes de prosseguir o caminho sozinhos, com renovada confiança em si mesmos. De facto, a dúvida sobre si mesmos é uma doença muito espalhada nas escolas, coisa que torna a atitude de confirmação mais importante do que nunca. Com a palavra “confirmação” podemos intender muitas coisas: pode ser simplesmente uma expressão emotiva ou de surpresa, ou também uma palavra de agradecimento. Pode ser a recomendação e ler bons livros ou referir-se a pessoas que tem capacidades especiais. De frequente, é simplesmente reunir juntas as pessoas certas e disponibilizar uma hora e um lugar onde se possa refletir melhor. Mas o conceito de confirmação inclui sempre a convicção que um dom precioso mereça atenção e cuidados constantes.

Sobretudo na educação religiosa a revelação e a confirmação assumem uma grande importância. Muitos estudantes estão quase totalmente desinteressados pela instrução religiosa, isto é devido largamente ao fato de que nunca fizeram minimamente esta experiência existencial. Existem muitas formas de ser cristãos, uma por cada cristão, mas parece que a coisa mais importante seja a imposição duma doutrina ou de uma ideia prefabricada do que oferecer aos alunos um espaço onde possam revelar o seu grande potencial humano em viver o amor, a doação e a criatividade, onde eles possam encontrar aquela confirmação que lhe dá coragem de continuar o caminho sem medos.

Só quando nós próprios tivermos feito a experiência de entrar em contacto com os nossos desejos mais profundos de vida, e tivermos escutado a nossa sede de libertação e de uma vida nova, teremos a capacidade de compreender que Jesus não só falou, mas que Ele próprio se aproximou de nós e das nossas necessidades individuais.

O Evangelho não contém só ideias que vale a pena recordar. É uma mensagem que responde à nossa condição humana individual. A Igreja

não é uma instituição que nos obriga a seguir as suas regras. É uma comunidade de pessoas que nos convida a matar a nossa fome e a nossa sede à sua mesa. As doutrinas não são formulas extrâneas às quais somos obrigados a aderir, mas sim, uma documentação das mais profundas experiências humanas que, transcendendo o espaço e o tempo, se transmitem de geração em geração, come uma luz no meio das trevas.

Ma que sentido pode ter o falar de luz a pessoas que não vêm a suas próprias trevas? Porquê deveriam falar do caminho quando existem muitos caminhos? Como se pode desejar a verdade quando não existem as interrogações? Não surpreende que muitos acham que o ensinamento religioso seja fastio, indiferente e inútil, lamentando-se que só cria medos em vez de alegria, cria uma prisão em vez da liberdade espiritual. Mas, aqueles que têm a oportunidade de descobrir um lugar de descanso, de repouso e de solidão interior, e que escuta atentamente as perguntas que surgem em seus corações, podem reconhecer que as palavras que lá ouviram, são palavras que não ferem, mas curam.

Desta forma, a nivelção e a confirmação são os dois aspetos importantes da relação ente mestre e discípulo. Ambos os aspetos demostram que os hospedes não são somente mendicantes pobres que precisam de ajuda, ignorante que recorrem aos mestres que sabem mais do que eles, mas sim, convidados que nos honram visitando a nossa casa e que, não sairão sem ter deixado alguma coisa que lhe era própria. Ver o ensino como uma forma de hospitalidade poderá liberta-lo da sua gravosa responsabilidade, que não corresponde à verdade, colocando na justa perspetiva alguns dos seus momentos felizes.

Se os pais sofrem a tentação de considerar os filhos uma propriedade, os mestres podem assumir uma atitude semelhante para com os seus alunos. Muitos docentes, de fato, ficam tristes e desanimam sob o peso de uma responsabilidade possessiva. Sentem-se infelizes e até culpados quando os estudantes não aceitam as suas ideias, os seus conselhos, as suas sugestões e sofrem por um sentimento de profunda inadequação.

Os ensinantes, portanto, deverão bem compreender que os alunos não podem ser modelados sob uma única forma de bom viver, pois são simplesmente hospedes temporários, que albergam nas nossas casas antes de alcançar a sua própria casa. O seu relacionamento para com os estudantes é, antes de tudo, uma ajuda oferecida para possam ver melhor e descobrir, entre as mais variadas possibilidades, os modelos

de pensamentos e de vida sobre os quais poderão construir a sua existência. É uma presença que sustenta a procura da verdade e oferece uma zona com confins seguros entre os quais os alunos poderão abandonar qualquer atitude defensiva e, refletir sobre as suas próprias experiências de vida, coloridas ou escuras que sejam, e seguir as pegadas de um projeto de vida que vala à pena realizar. Os mestres, portanto, têm a missão de estimular os alunos uma reflexão que os conduza a assumir a sua própria visão e não a dele.

É nosso dever dizer, porém, que muitos jovens estão cansados pelas exigências sono tanto dos institutos educativos e que, os frequentam, mantendo as devidas distâncias perante qualquer pessoa que pretenda deles algo de novo. Coisa que os torna tão suspeitosos que só raramente são capazes de responder a um mestre verdadeiramente hospital, para correr o risco de acreditar nele e em si próprios. Por outro lado, é também verdade que muitos mestres, cheios de boas intenções, ficaram cansados procurando aproximar-se dos estudantes e ficam presos pelas exigências das grandes estruturas, muitas vezes, anónimas, dentro das quais devem operar, tanto que, bem depressa, vêm a sua hospitalidade degenerar numa atitude defensiva. Em vez de revelar e afirmar, eles próprios caem em atitudes hostis, até explodindo ou vingando-se. Não surpreende, portanto, o fato de que em muitas escolas prevaleçam os excessos das rivalidades do que as atitudes hospitaleiras afim de formar hóspedes recetivos. (VS p. 81)

4. Hospitalidade entre profissionais e clientes

Enfim, todos aqueles que querem aproximar-se até aos próprios irmãos, no contexto dos numerosos serviços sociais, como os médicos, os assistentes sociais, os conselheiros, os ministros do culto e numerosos outros profissionais, devem lembrar-se de que não são os proprietários daqueles que recorrem aos seus serviços. O grande perigo do crescente profissionalismo nas mais diferentes formas de serviço é observar como muitos pacientes — isto é, muitas pessoas que sofrem — olham para aqueles que os assistem com temor e apreensão, como se tivessem poderes ocultos.

Muitos pacientes aceitam o fato de que os profissionais digam coisas que eles não entendem e façam coisas que não se podem contestar e tomem decisões sobre a vida dos outros sem dar alguma explicação. Para termos uma prova dessa estranha mistura de reverencia e temor

basta olhar na cara dos pacientes, basta espreitar para as salas de espera destes profissionais. Os mais pobres são aqueles que mais de frequente são vítimas dessas emoções que só contribuem a aumentar os seus já penosos sofrimentos.

Mesmo nos países tecnicamente mais avançados, as moradas dos padres raramente são consideradas como lugares onde as pessoas são sempre bem-vindas em qualquer hora e onde possam expor os seus problemas. Alguns até têm medos dos padres, outros nutrem para com eles sentimentos de hostilidade e rancore; muitos outros, simplesmente, não esperam grande ajuda; são pouquíssimos aqueles que se sentem livres de bater nas suas portas sem algum embaraço. Aos olhos de muitas pessoas que sofrem, as igrejas aparecem mais como sede do poder do que como lugares hospitaleiros. O que acabamos de dizer, é verdade por muitas outras profissões. Quanta pessoas deixam o hospital curados fisicamente, mas feridos pelo tratamento impessoal que lá receberam? E quantas voltam à casa depois das consultas com psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, irritados pela atitude desprezada e pela discriminação profissional que lá encontraram?

Contudo, é fácil, fácil demais, acusar as profissões assistenciais. Muitas vezes, são os próprios profissionais que admitem a existência do problema e a tentar um atendimento aberto e recetivo para com os outros. Na nossa sociedade tecnocrata, o formalismo corrente e altamente despersonalizado, as profissões assistenciais, suportam um tal aumento de prestações que os mesmos profissionais são obrigados a manter um certo destaque emotivo para não de deixar envolver pelos pacientes. Mesmo nestas situações difíceis, aquele que assiste deve continuar a esforçar-se afim de adquirir uma espiritualidade que impeça a violência nos relacionamentos interpessoais e crie o espaço entre o qual assistente e assistido se aproximem um do outro como companheiro de viagem que partilham a mesma condição humana.

Do ponto de vista da espiritualidade cristã é importante sublinear que cada ser humano é chamado a ajudar os outros, isto é, a curar. Embora existam muitas profissões que requerem uma preparação especializada, longa e difícil, não se pode deixar esta tarefa de ajudar os outros aos especialistas. Estes poderão manter a sua humanidade na sua maneira de trabalhar só quando consideram a sua profissão como uma forma de serviço, que podem realizar não em lugar do povo de Deus, mas juntamente com ele. Todos somos curadores é podemos nos

aproximarmos dos outros e oferecer-lhes a saúde. Só tendo esta convicção é que poderemos impedir aos especialistas de transformar-se em técnicos frios e evitar que aqueles que lhes pedem ajuda que sintam manipulados.

O perigo da especialização, portanto, não se encontra só nos especialistas, mas também em nós, quando subestimamos o nosso potencial humano, renunciando ao nosso poder criativo. A arte de curar, quando é vista do ponto de vista da hospitalidade, consiste na capacidade de criarmos um espaço livre para os outros. Resulta claro que cada cristão deveria desejar de praticar esta forma de hospitalidade tão necessária.

Enquanto estava a ensinar numa escola profissional encontrei-me invadido por uma quantidade enorme de pedidos de consultação. Embora houvesse muitos conselheiros a tempo inteiro, todos estavam tão sobrecarregados de trabalho que provavelmente não conseguiam atender a todos. Durante os dois anos que trabalhei com os estudantes, comecei a perguntar-me se estes não escondessem as suas próprias capacidades pessoais. Durante os tempos de conversação nas aulas, nos convívios e nos atendimentos pessoais, comecei não só a ver, mas também experimentar, a compaixão, a franqueza, o interesse concreto, o desejo de falar e escutar e muitas outras qualidades que raramente se manifestam na própria comunidade estudantil. Percebi improvisamente que muitos se lamentavam pelo isolamento, pela ausência de comunidade, e acolhimento interpessoal, manifestando um grande desejo de amizade, de proteção, da companhia de alguém para partilhar as experiências, mas só poucos punham em evidência a disposição de pôr ao serviço dos companheiros as suas grandes capacidades de serviço. O temor ou a falta de confiança nas suas próprias qualidades humanas faziam-lhes esconder as suas qualidades mais preciosas.

Muitas vezes podemos ajudar-nos reciprocamente muito mais de quanto imaginamos. Um dia, Karl Menninger, o famoso psiquiatra, perguntou aos estudantes qual fosse o mais importante processo curativo para os doentes mentais. Alguém disse que eram os concelhos sobre o comportamento futuro; outros, que era o relacionamento psicoterapêutico; outros que eram os medicamentos; outros, enfim, disseram que era o continuo contacto com a família, depois da cura

hospitalar e muitos outros pontos de vista. Mas Karl Menninger não aceitou nenhuma dessas respostas, como exata. O que ele queria dizer é que a coisa mais importante era: «o diagnóstico». A tarefa primária e mais importante para quem intendia operar curas era precisamente o diagnóstico. Sem uma justa diagnose não era possível realizar nenhuma cura. Ele, de fato, estava a falar para um grupo de futuros psiquiatras, isto significava obviamente que nessa profissão o primeiro dever é o de prestar uma grande atenção em apreender a habilidade diagnóstica. Agora, se tomamos a palavra «diagnose» no seu significado mais profundo e original de conhecer cada vez mais à fundo (gnosis = conhecimento, dia = mais à fundo) percebemos que o aspeto primário e mais importante de qualquer intervenção curativa é um esforço mirado a conhecer cada vez melhor o paciente em todas as suas alegrias e dores, nos prazeres, nos sofrimentos, os seus altos e baixos, que modelaram a sua existência, desde a infância, ao longo dos anos, até ao presente. Trata-se de uma tarefa muito árdua porque é doloroso enfrentar, não só os nossos sofrimentos, mas também o dos outros. Gostaríamos de chegar à nossa destinação através de atalhos, assim, gostaríamos de dar conselhos e curar sem examinar profundamente as feridas que devemos curar.

Em vez, é precisamente nesta vontade de conhecer à fundo os outros que reside a nossa capacidade de nos aproximarmos deles e oferecer-lhes a cura. Curar, portanto, significa antes de tudo criar um espaço vazio, aberto e amigável, onde quem sofre possa contar a sua história, diante de alguém que o escuta com uma atenção real. Infelizmente, muitas vezes, este «escutar» é visto como uma técnica. Dizemos, «deixa-o desabafar, faz-lhes bem». E falamos da função curativa da escuta dando a impressão de que «libertar-se», «expor tudo» tenha em si mesmo um efeito purificador. Mas «escutar» é uma arte, uma arte a desenvolver, não uma técnica que se aplica como uma chave de fenda para tirar os parafusos. A escuta requer uma presença real e deve ser considerada uma das mais altas formas de hospitalidade.

Porque é que o saber escutar é uma forma de serviço que cura? Porque torna familiar aos estrangeiros o terreno sobre o qual estão a caminhar e os ajuda a descobrir o caminho que entendem percorrer. Muitos de nós, perderam a sensibilidade para com a própria história pessoal e percebem a existência como uma série caprichosa de eventos incontrolláveis. A atenção, desviada do nosso «eu» é absorvida por

aquilo que nos rodeia e nós nos tornamos estranhos a nós próprios, porque nos privamos de uma história que podemos contar e perseguir.

Curar significa, antes de tudo, permitir aos estranhos de prestar atenção e obedecer às suas histórias pessoais. Portanto, aquele que cura, torna-se aluno que quer aprender e o paciente torna-se o mestre que quer ensinar. Assim como os mestres tomam posse dos assuntos que ensinam, enquanto se preparam e põem em ordem as suas ideias para depois as expor aos estudantes, da mesma forma, os pacientes apreendem a sua própria história narrando-a a um médico desejoso de a escutar. Aquele que cura é um hóspede que escuta com paciência e atenção a história que os estranhos que sofrem. Os pacientes são os convidados que descobrem a si próprios, contando a sua própria história perante alguém que lhe oferece um espaço para descansarem. Contando a sua história, os estrangeiros percebem que não deve mais negá-la porque só entrando nela poderão descobrir o caminho a seguir.

Por isso, curar significa acolher e compreender completamente um passado para que o estrangeiro possa entrever nos olhos de quem o escuta aquele único caminho que o conduziu até ao presente e que lhe sugere por qual direção deve seguir. Pode ser uma história difícil de contar, cheia de dores e frustrações, de desvios e paragens, mas é a única história que ele pode contar, porque é a sua história, e não terá esperança para o futuro se o passado fica inconfessado, se não for recebido e compreendido. Muitas vezes é o medo dos momentos escondidos que a nossa história nos ajuda a remover.

Se queremos curar, devemos acolher a história dos nossos irmãos com coração aberto, recetivo, um coração que não julga e não condena, mas que reconhece como aquela história se insere na sua própria história. Escuta significa oferecer confins seguros, entre os quais, um passado doloroso possa ser revelado e de onde se pode partir para procurar uma vida nova.

Contando a sua história, o estrangeiro não só se torna nosso amigo, mas também se torna amigo de si mesmo, do seu passado. Neste espaço amigo, ele já não foge de si mesmo porque aquela história é a sua história, a única que lhe abre o caminho a seguir. Uma história que contém a promessa do futuro.

O passado pode ser até duro de contar, mas se ficar inconfessado, despercebido ou não aceite, ficará dentro de nós, como um rododendro, e nos destruirá. Esta abertura abre a esperança do futuro. Os medos

escondidos nos bloqueiam, mas a história partilhada, recontada nos liberta. Eis, portanto, importância de encontrarmos alguém que nos escute com verdadeiro interesse e sem nos julgar.

A atitude mais importante do bom anfitrião não é o que ele deve dizer ou fazer, mas sim como criar dentro dele um espaço aberto, bastante vasto, capaz de conter uma história. Curar é uma tarefa humilde e exigentíssima ao mesmo tempo porque consiste em criar e oferecer um espaço vazio e amigo onde os estranhos possam refletir sobre as suas dores e sofrimentos sem medo de ser julgado, conquistando a confiança que os levará a procurar novos caminhos, mesmo no meio da confusão.

Isto não significa que o trabalho dos profissionais seja menos importante. Antes, é verdade o contrário. Um bom anfitrião, um ouvinte atento, será ele mesmo o primeiro a reconhecer o momento em que será necessária uma ajuda profissional. Enfim, os profissionais ficarão muito gratos para com aqueles que escutaram atentamente e que reconheceram que era necessária uma cura particular, por isso, lhos enviaram, antes que os sofrimentos aumentassem. Por outro lado, uma atmosfera de solícita atenção por parte de todos os membros da comunidade cristã pode as vezes curar feridas, antes de se tornar necessária uma cura específica. (VS, p. 81-87).

5. Recetividade e confrontação

Como pais e filhos, mestres e alunos, curadores e pacientes nos aproximaremos uns dos outros de forma diferente. Mas em todos estes modelos de relacionamento, o conceito de hospitalidade ajudar-nos-á a compreender que não somos chamados a possuirmo-nos, mas sim, a servirmo-nos uns aos outros e a criar um espaço onde tudo isso se torne possível.

Ao examinar estas três formas de relacionamento sob o ponto de vista da hospitalidade, demos uma particular atenção à recetividade. De fato, o estrangeiro deve ser recebido num espaço amigo. Aproximar-se dos outros sem sermos recetivos pode fazer-lhe mais mal do que bem, pode conduzir à manipulação e também à violência, uma violência de pensamentos, de palavras e de ações.

Uma recetividade verdadeiramente honesta significa convidar o estrangeiro ao nosso mundo, mas é ele que põe as condições, não somos nós. Quando dizemos: «poderás tornar-te meu hospede se acreditar

naquilo que eu acredito, se pensares o que eu penso, se te comportares como eu me comporto» estamos a oferecer um amor condicionado, um amor vendido. Isto conduz com facilidade à exploração, fazendo da hospitalidade um negócio. Num mundo em que muitas religiões, convicções, ideologias, e diferentes maneiras de viver formam um entrelaçamento cada vez mais denso é muito importante tomar consciência de que faz parte da essência da espiritualidade cristã acolher o próximo no nosso mundo sem impor-lhe o nosso ponto de vista religioso, a nossa ideologia, a nossa maneira de agir, como condições da nossa caridade, amizade e atenção.

Não é necessário ir para longe para encontrar tais pontos de vista e tais atitudes. Muitas vezes, os nossos próprios filhos, os nossos alunos e os nossos pacientes se tornaram tão estranhos do ponto de vista ideológico. Por vezes, nos sentimos culpados se não tentamos ao menos de mudá-lhes as ideias e trazê-los da nossa parte. Depois descobrimos de termos suscitado somente suspeitas e cólera, tornando ainda mais difícil a convivência pacífica.

Mas a receptividade é só uma faceta da hospitalidade. A outra faceta é a confrontação. Ser receptivos não implica que nos devemos anular e que nos devemos tornar neutros. A receptividade real exige a confrontação. Uma casa torna-se acolhedora quando os confins estão bem marcados. Os confins são os limites dentro dos quais definimos a nossa posição. Limites flexíveis, mas sempre limites. A confrontação é o resultado de uma presença real, evidente, uma presença dentro de certos confins, onde o convidado encontra uma orientação e pontos de referência. Não somos de verdade hospitaleiros quando abandonando a nossa casa nas mãos dos estrangeiros, permitindo que a usem como lhe apraz. Uma casa vazia não é uma casa hospitaleira. Na realidade, esta casa tornar-se-á bem depressa infestada de espíritos, onde o estranho não está bem. Em vez de libertar-se dos seus temores terá cada vez mais medo, tornar-se-á suspeito de qualquer barulho proveniente do sótão e da cantina. Se queremos ser de verdade hospitaleiros, não só devemos receber os estranhos, mas estarmos em frente deles, com uma presença clara, sem ambiguidades, sem escondermo-nos atrás da neutralidade, mas expondo as nossas ideias, as nossas opiniões, o nosso modo de viver, clara e distintamente. Não é possível um verdadeiro diálogo entre um «alguém» e um «ninguém». Podemos entrar em diálogo só quando as nossas escolhas de vida, as nossas atitudes, os nossos pontos de vista

apresentam confins que desafiam os hospedes a tomar consciência da sua própria posição e explora-la criticamente.

Para reagir a um certo tipo de evangelização agressiva, manipuladora e, muitas vezes, degradante, por vezes, se exita a manifestar claramente as próprias convicções religiosas, perdendo, assim, o sentido do testemunho. Embora, algumas vezes, pareça melhor o compromisso do que a evangelização, não podemos esquecer que faz parte do núcleo da espiritualidade cristã aproximar-se dos outros e anunciar-lhes a Boa Nova, falando sem medos *«do que vimos e ouvimos, do que contemplamos com os nossos olhos e que tocamos com as nossas mãos»* (1Jo 1,1).

Recetividade e confrontação são dois aspetos inseparáveis do mesmo testemunho cristão, dois aspetos que devem manter-se em perfeito equilíbrio.

Uma recetividade sem confrontação conduz a uma fraca neutralidade que não ajuda ninguém. Uma confrontação sem recetividade conduz a uma opressão agressiva que fere qualquer pessoa. Este equilíbrio entre recetividade e confrontação encontra-se em diversas situações, dependendo da posição de cada individuo perante a existência. Em cada situação vital, em todas as formas de relacionamento, não devemos só recebermos, mas também confrontarmo-nos.

Parece oportuno, agora afirmar claramente que a confrontação é muito mais do que um «falar claro». Muitas vezes, já comunicamos muitas coisas, ainda antes de termos proferido alguma palavra.

Fascina-me sempre notar como os recém-chegados olhem ao seu redor quando entram no meu quarto, comentando o arredamento, os quadros e mais ainda os livros expostos na prateleira. Um observa a cruz pendurada numa parede, outro faz uma observação sobre uma máscara indiana, outro ainda perguntam como Freud, Marx e a Bíblia possam conviver sobre o mesmo plano. Mas todos procuram adquirir o senso do lugar, como acontece também a mim, quando entro pela primeira vez numa área que não é a minha.

Depois de termos vividos um pouco dentro as paredes da nossa existência percebemos com trazem os sinais dos acontecimentos mundiais familiares, pessoais — e das nossa respostas. As paredes falam uma linguagem própria e de frequente conduzem a um diálogo,

as vezes limitado ao coração, mas outras vezes expresso com palavras e gestos. É nestas situações que podemos aproximar-nos uns dos outros e onde pais, filhos, mestres, alunos são curadores e curados, em fim todos nos encontramos no caminho comum da existência e começamos a conversar, descobrindo-nos uns aos outros como parte de uma comunidade mais vasta e tendo um destino comum. (VS, 88-90).

CAPÍTULO VI

A HOSPITALIDADE E O CONVIDADO

1. *Estar à vontade na nossa casa*

Não podemos falar do movimento da hostilidade para a hospitalidade sem o colegar constantemente e interiormente com do movimento do isolamento para a solidão. Enquanto estamos isolados não temos as condições para sermos hospitaleiros porque as pessoas isoladas não sabem criar um espaço livre. A nossa própria necessidade de aliviar o aperto do isolamento agarra-nos aos outros, em vez de criarmos um espaço aberto para eles.

Recordo vivamente a história de um estudante convidado a habitar junto de uma família durante os seus estudos universitários. Depois de alguma semana, começou a perceber como lhe faltasse a liberdade. Mal acabou de chegar começou a tomar consciência de que estava a tornar-se vítima do miserável isolamento dos seus anfitriões. Marido e mulher viviam isolados, como estranhos um do outro e usavam o convidado para satisfazerem a sua sede de amor. Se tinham agarrados de tal forma ao hospede que esperavam que lhe pudesse oferecer o afeto que eles eram incapazes de dar-se um ao outro. Aquele estudante ficou enredado na rede complicada dos desejos insatisfeitos do casal, preso dentro das paredes do isolamento. Ele percebia a penosa situação de dever escolher entre os dois companheiros isolados ed estava dividido pela cruel interrogação: «Estás da sua parte ou da minha? Estas seu favor ou a meu favor?» Ele já não estava à vontade, não se sentia livre de sair e voltar, descobria de não se conseguir concentrar-se no estudo e, ao mesmo tempo, não conseguia dar aos anfitriões a ajuda que eles esperavam. Tinha perdido também a liberdade interior de se ir embora.

Esta história ilustra quanto seja difícil criar espaço para um estranho, quando non hã uma verdadeira solidão na nossa existência. Se repensamos nos lugares onde nos sentimos mais à vontade, apercebemo-nos que eram aqueles onde quem nos hospedava, nos dava a liberdade preciosa de ir e voltar segundo os nossos desejos, sem eles recorrer a nós, pelas suas necessidades. Só num espaço livre pode ter lugar uma nova criação e pode nascer uma vida nova. O verdadeiro

anfitrião é aquele que sabe oferecer um espaço onde não se deve ter algum temor, onde é possível escutar as vozes interiores e encontrar o caminho pessoal que nos ajuda a sermos humanos, mas ser hospedes desta forma tão livre exige que estejamos bem na nossa própria casa. (VS, p. 92).

2. A pobreza é o fundamento do acolhimento

Na medida em que o isolamento se converte em solidão a hostilidade transforma-se em hospitalidade. Não se trata de uma questão cronológica. Os movimentos complexos e exclusivos da vida interior não têm contornos definidos. Resta, contudo, verdade que muitas vezes o isolamento conduz a comportamentos hostis, enquanto a solidão é o clima adaptado para a hospitalidade. No isolamento precisamos de tal forma de simpatia e de amor que nos tornamos hipersensíveis para com os inúmeros sinais do ambiente que nos rodeia e facilmente para com nos dá a impressão de nos rejeitar. Mas quando descobrimos no coração o centro da nossa existência, aceitando o fato de que estamos sós, não por um destino cego, mas por vocação, então, adquirimos a capacidade de oferecer liberdade aos outros. Apenas se renuncia ao desejo de uma satisfação total, ficamos interiormente livres para oferecer um espaço aberto para os outros. Na realidade, o paradoxo da hospitalidade reside no fato de que a pobreza produz o bom anfitrião. A pobreza é naquela disposição interior que nos permite baixar as defesas, convertendo os inimigos em amigos. Só percebemos o estranho como inimigo quando temos algo a defender. Mas quando nos tornamos pobres, o podemos convidar em nossa casa, dizendo: «entra, a minha casa é também a tua casa, a minha alegria é também a tua alegria, a minha tristeza é também a tua tristeza e a minha vida é também a tua vida»; não temos nada a defender, por isso, nada a perder, mas sim tudo a dar.

Podemos então «oferecer a outra face», isto é, mostrar que os inimigos só são inimigos quando nos agarramos às coisas que possuímos, seja o que quiser: o saber, o bom nome, o dinheiro, os objetos que colecionamos. Mas, quem nos poderá roubar quando sabe que tudo o que ele nos quer roubar é um dom que lhe oferecemos? Quem poderá mentir-nos quando só a verdade poderá servir também para ele? Quem poderá insinuar-se pela porta de serviço, quando a porta principal está amplamente aberta?

A pobreza produz o bom anfitrião. Esta declaração paradoxal requer algumas explicações. Para nos aproximarmos aos outros livremente, são importantes duas formas de pobreza: a pobreza de mente e a pobreza de coração. (VS, p. 92-93).

3. *A pobreza da mente e do coração*

A pobreza da mente. Quem está repleto de ideias, de conceitos, de convicções não pode um bom anfitrião. Não tem espaço interior para escutar nem para descobrir as qualidades dos outros. Não é difícil perceber que aqueles que «sabem tudo» podem anular uma conversação e impedir a troca de diferentes opiniões. A pobreza da mente como atitude espiritual é o desejo crescente de dar ato da incompreensibilidade do mistério da vida. Quanto mais amadurecemos, tanto mais saremos capazes de renunciar à tendência de possuir, de recolher, de abraçar a plenitude da vida, tanto mais estaremos prontos a deixar que a vida dos outros entre na nossa vida.

A preparação para o ministério nos oferece um ótimo exemplo. Para preparar-se ao serviço temos que nos preparar a um claro «não saber» a uma «dota ignorância» ou a uma «cultura ignorância». Isto não é aceite com facilidade por pessoas que estão inclinadas a dominar e controlar todas as situações, fazendo proceder as coisas segundo as suas necessidades. A formação ao ministério, em vez, não é uma formação para dominar a Deus, mas para deixar-se dominar por Ele.

Gostaria de lembrar a história dos estudos de um seminarista sul-africano de trinta anos. Quando este homem percebeu a vocação para o ministério, ele foi aceite pela Igreja e enviado para trabalhar numa paróquia como assistente, sem qualquer preparação teológica. Ele, no entanto, estava tão convencido das suas ideias e da sua experiência e o seu fervor e entusiasmo eram tão grandes que ele não encontrou nenhuma dificuldade em preparar longos ensinamentos e conferências enérgicas. Então, depois de dois anos, ele foi chamado e enviado para o seminário para estudar teologia. Quando ele refletia sobre este período, costumava dizer: «Durante aqueles anos li as obras de inúmeros teólogos e filósofos. Antes tudo me parecia claro e óbvio, mas neste tempo perdi todas as minhas certezas, fiz-me muitas perguntas e tornei-me muito menos seguro de mim

mesmo e das minhas certezas». De certa forma, durante os anos de formação ele tinha desaprendido mais do que aprendido e, quando se tornou ministro, tinha menos para dizer e muito para escutar.

Este relato mostra que os ministros bem formados não são indivíduos que sabem dizer exatamente o que é Deus, onde está o bem e onde está o e como viajar deste mundo para outro, mas sim, pessoas que estão conscientes de «não saber», uma «dota ignorância que os torna capazes de ouvir a voz de Deus nas palavras do seu povo, nos acontecimentos do dia a dia, nos livros que tratam das experiências humanas, de homens e mulheres de outros lugares e de outros tempos. Em breve, uma «dota ignorância» que os torna capazes de receber atentamente as palavras dos outros e do Outro. Esta é a verdadeira pobreza da mente. Uma pobreza que exige a recusa contínua de identificar a Deus com conceitos, teorias, documentos ou eventos, impedindo, assim, aos homens e as mulheres de se tornarem sectários, fanáticos ou exaltados, e permitindo-lhes, em vez disso, o crescimento contínuo rumo a uma dócil recetividade.

O que é verdade para o ministério, é também verdade para todas as outras formas de serviço humano. Se observarmos a vida e o trabalho diário de psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais e conselheiros, reparamos que grande parte da sua habilidade consiste em escutar atentamente, com ou sem instrumentos, procurando incansavelmente de não obstaculizar os seus pacientes. Uma pobreza mental voluntária torna-os abertos a receber o conhecimento e a inspiração daqueles que a eles recorrem para lhes pedir ajuda. Tudo isso não exclui de forma nenhuma a necessidade de criar novas estruturas para aliviar os sofrimentos humanos, a fome, a falta de roupas e de casas para milhões de pessoas. O oposto é que é verdade. Se trabalharmos para os pobres com um espírito de recetividade e de gratidão, a nossa ajuda pode ser aceite sem vergonha. Muitas indivíduos que precisam de avilto físico, mental ou espiritual, deixam transparecer cada vez com mais clareza que é melhor renunciar a uma ajuda e manter o respeito de si próprios, do que aceitá-lo de deixar-se reduzir ao status de mendigos ou escravos.

A pobreza do coração:

O bom anfitrião deve ser pobre de mente, mas também pobre de coração. Se o coração está cheio de preconceitos, de preocupações, de

ciúmes, terá pouco espaço para acolher os estranhos. Num ambiente onde se teme não é fácil manter o coração aberto para a vasta gama de experiências humanas. A verdadeira hospitalidade, em vez, não exclui, mas inclui, e cria espaço para uma grande variedade de experiências humanas. Mesmo neste caso, o exemplo do ministério pode fornecer um exemplo que ilustra o valor desta forma de pobreza. Existem muitas pessoas que declaram ter tido uma experiência religiosa que lhes indicou o caminho do Senhor. Muitas vezes foi uma experiência tão intensa que elas própria conseguem explicar e dar-se conta de que o seu caminho não é necessariamente o único caminho, ou o caminho certo. Deus não pode ser forçado, contido numa ideia específica, numa opinião ou convicção, nem pode ser definido por um sentimento ou por uma emoção específica. Não se pode identificar a Deus com uma boa disposição de caridade para com o próximo ou com uma doce emoção do coração, ou com a êxtase, com os movimentos do corpo ou encantando as serpentes. Deus não se identifica com a inclinação, com o fervor, com a generosidade ou com o amor que somos capazes de viver. Todas essas experiências do coração podem nos lembrar a presença de Deus, mas se não as tivéssemos, isto não atestaria a sua ausência. Deus não é apenas maior do que a nossa mente, mas também maior do que o nosso coração, por isso é nosso dever evitar a tentação de adaptar a Deus com os aos nossos estritos sentimentos.

Não só no ministério, mas também em todas as outras formas de serviço, se deve continuamente recordar que um coração enfático é tão perigoso quanto uma mente enfática. Um coração enfático pode nos tornar muito intolerantes. Mas se tivermos a boa vontade de não fazer da nossa limitada experiência o critério para nos aproximarmos dos outros, então poderemos perceber que a vida é maior do que a nossa vida, a história maior do que a nossa história, a experiência maior do que a nossa experiência e Deus maior do que o nosso Deus. Esta é a pobreza de coração que produz o bom anfitrião. Com a pobreza de coração poderemos receber as experiências dos outros como dons. As suas histórias poderão juntar-se criativamente com as nossas histórias, as suas exigências poderão dar um novo significado à nossa vida e o seu Deus falar ao nosso Deus, numa mútua revelação.

Johannes Metz descreve bem esta disposição interior, dizendo: Devemos esquecer-nos de nós mesmos, permitindo que a outra pessoa se aproxime de nós. Devemos ser capazes de nos abrir a essa pessoa para que a personalidade que a distingue se revele -

mesmo que às vezes ele nos assuste e repugna. Muitas vezes oprimimos o outro e vemos apenas o que queremos ver; desta forma nunca encontraremos o misterioso segredo de seu ser, mas apenas a nós mesmos. Não querendo arriscar a pobreza do encontro, estamos a insistir numa nova forma de autoafirmação e pagamos o preço com o isolamento. «Quem encontrou sua vida perdê-la-á» (Mt 10, 39) e não terá a graça da plenitude da existência humana. Ficará sozinho, com a sombra do seu ser verdadeiro.

A pobreza do coração cria a comunidade porque não é autossuficiência, mas interdependência criativa, na qual o mistério da vida é revelado. (VS, p. 93-97).

O orgulho da fragilidade

A hospitalidade requer, portanto, a pobreza, a pobreza de mente e a pobreza de coração. Isso pode ajudar-nos a entender a importância de uma «educação» para a hospitalidade. Existem muitos programas para preparar para o serviço nas suas diversas formas. Mas só raramente são vistos como educação para uma pobreza voluntária. Pelo contrário, queremos ficar treinados e bem equipados, cada vez mais. Queremos adquirir as «ferramentas do trabalho». Uma verdadeira educação para o serviço, em vez, requer um processo difícil e doloroso de auto despojamento. O problema principal do serviço é aquele de tornar-se «caminho» sem opor obstáculos. E se existem instrumentos, técnicas e capacidades, estes são, antes de tudo, trabalha o terreno, cortar as ervas daninhas e podar os ramos, ou seja, eliminar tudo o que possa dificultar o crescimento e o desenvolvimento. A educação para o serviço não é uma educação para enriquecer-se, mas, muito pelo contrário, para tornar-se voluntariamente pobres; não para satisfazer-se a si mesmo, mas para esvaziar-se, não para conquistar a Deus, mas para render-se ao seu poder salvador. Tudo isso é aceitável apenas com grande esforço, no mundo contemporâneo que fala de poder e autoridade.

Contudo, é importante que neste mundo haja ainda alguma voz que grite que existe algo pelo qual vale a pena orgulhar-se, é precisamente a fragilidade. A realização pessoal consiste na capacidade de esvaziar-se, na utilidade de tornar-se inúteis, no poder de perder qualquer poder.

Faz parte do núcleo da mensagem cristã que Deus não se revelou jamais como o «Outro» que é poderoso, inacessível em Sua onisciência, onipotência e onipresença. Em vez disso, Ele veio até nós em Jesus Cristo que *«não considerou a sua igualdade com Deus como um tesouro ciumento, mas se despojou... e tornando-se semelhante aos homens, aparecendo em forma humana, Ele humilhou-se ainda mais tornando-se obediente até à morte e à morte de cruz»* (Fil 2, 6-8). É o próprio Deus que revela o movimento da nossa vida espiritual. Não é o movimento da fraqueza ao poder, mas o movimento em que temos cada vez menos medo, baixamos as nossas defesas e nos abrimos cada vez mais para os outros e para o mundo, mesmo quando isso leva à dor e à morte.

Enquanto o movimento do isolamento à solidão nos faz aproximar ao nosso eu íntimo, o movimento da hostilidade à hospitalidade nos faz aproximar aos outros. O termo hospitalidade só tem sido usado para chegar a uma melhor compreensão da natureza de um relacionamento cristão, que seja maduro, com nossos irmãos.

Palavras como criação de espaço, recetividade e confrontação, pobreza de mente e de coração, têm sido usadas para mostrar que a espiritualidade cristã não está apenas enraizada na realidade da vida cotidiana, mas a transcende, confiando-se ao que é dom de Deus. Ajudar, servir, cuidar, orientar, curar: essas palavras têm sido usadas para exprimir uma aproximação para com os outros, através da qual perceberemos a vida, não como um dom a possuir, mas como dom a compartilhar.

Enfim, isso nos leva ao aspecto mais importante e mais difícil da vida espiritual, a nossa relação com Aquele que dá. De Deus já falamos, cada vez mais, à medida que passamos do isolamento para a solidão e da hostilidade para a hospitalidade. Até agora, no entanto, nos perguntamos se é possível aproximarmo-nos de nós mesmos e dos outros, nossos irmãos e irmãs. Mas será que podemos nos aproximar a Deus a fonte da nossa vida?

Se a resposta fosse negativa, a solidão e a hospitalidade permaneceriam ideais vagos, bons como temas de conversa, mas sem efeito na vida cotidiana. O movimento da ilusão à oração, portanto, é o movimento mais decisivo da vida espiritual, aquele que circunda e cerca na base tudo o que foi dito até agora. (VS, p. 98-99).